

ACOMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO R. SANTOS

Redactor principal: ANTÓNIO TEIXEIRA
Redacção e Adm., (Provisória):
RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

Administrador: DAMIÃO CASTELO

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: \$50

INSISTINDO DA MINHA TORRE

Não é demais insistir. Muitos aspectos da luta económica em que vão empenhadas as classes operárias, deixam transparecer um objectivo pouco consentâneo com a estrutura lógica do que constitue, ou pelo menos deve constituir, o método de acção das instituições proletarianas.

O princípio da acção directa é muitas vezes prejudicado, mercê duma restrictiva noção de meios e fins, e o movimento das massas produtoras ondula, assim, ao sabêr das correntes habituais que determinam, na sociedade actual, essa febre egoista da especulação, visando exclusivamente o lado utilitário dum problema cuja solução depende, em rigor, da análise integral de todos os seus termos. Evidentemente: utilitarismo e idealismo não fazem sentido. Não façamos, contudo, confusão de palavras. É estabelecemos, como princípio, que a situação do operariado, vis-à-vis das crescentes dificuldades que a carestia da vida lhe vem criando, impõe naturalmente a necessidade duma acção de resistência que traduz, pelo menos, um lógico sentimento de defesa. É o lado práctico da questão.

Por cima das contingências do *status quo* capitalista, para, contudo, qualquer coisa superior às valorizações convencionais do actual regimen de produção e de troca, qualquer coisa avassaladora e grande em que se condensam as aspirações seculares da justiça, da equidade e da liberdade, qualquer coisa que a acomodaticia moral burguesa já jamais assimilou, mas que constitue o sonho idealista dos escravos, e, por isso mesmo, a sua verdadeira, a sua única força. Por ele, adquirimos os proletários a consciência da sua dignidade, o sentimento da sua liberdade.

E a classe trabalhadora, vai hoje compreendendo que essas qualidades devem adquirir-se desde já, em plena fase combativa, e que não tem que esperar pela queda do regimen burguês como o pretende fazer o milagre marxista, para se dignificar moral e socialmente, na rigorosa acepção das palavras.

Foi dentro d'esse critério que, neste mesmo lugar, verbalizamos o procedimento dos caixeiros do Porto, a quando da sua última e desastrosa greve. Parece, com tristeza o dizemos, que outras classes reincidem. Pela leitura do nosso colega *A Batalha*, chegamos a essa conclusão: e a atitude do brilhante diário traduz a mesma impressão de mágoa e de repulsa que esses lamentáveis factos trazem ao espirito dos que veem a luta económica fora dos limites do interesse pessoal em que parecem insistir, deploravelmente, certos orientadores de algumas classes em conflito com os respectivos patrões. Assim se cultiva, criminosamente, no seio do operariado, um regime de desmoralização, em vez de se provocar essa exaltação da personalidade humana, única capaz de criar valores novos e de arrancar ao produtor de hoje o seu tipo abstrato de algarismo, com que na expressão numérica das massas anónimas, o capitalismo joga firme, somando e multiplicando as suas fabulosas riquezas.

Sim, a verdade é essa. Os problemas da solidariedade, os da defesa da hygiene geral; as questões de aprendizagem e de progresso técnico; os assuntos de ordem moral que se prendem com a vida da classe operária, como sejam: a salubridade das suas habitações, a educação e a instrução dos seus filhos, a defesa contra o alcoolismo, o afastamento das romarias e de espectáculos degradantes com que a burguesia pretende adormecer as impaciências proletárias, etc., etc., tudo isso é coisa de pouca monta perante a possibilidade de mais uns tantos por cento nos salários, ainda mesmo que a respectiva industria proprietária, para se desforrar do novo aumento, mande fraudar ainda a produção, encarecendo-a exageradamente.

É necessário mudar de método. Não é, caído na armadilha que o capitalismo lhes vem estendendo, que os operários se emancipam, decisivamente, dos seus exploradores impenitentes. Urge que um movimento reflectido e inteligentemente orientado, auxilie e amplie a tarefa que a C. G. T., está organizando contra o banditismo dos que, sistematicamente, estão tornando insustentável a situação da classe produtora.

Quanto mais consciêntes e dignos da justiça que lhes assiste se mostrarem os operários, quanto mais guiados forem pelo respeito de si próprios, absolutamente alheios do acto anti-social a que os forçam estes orientadores, de má fé, ver-se-há, no fim que a acção económica enobrecer assim o seu objectivo, alargando o esforço solidário a todos os que, sob o peso da tirania capitalista, sofrem e gemem a dolorosa existência dos esmagados, dos expoliados.

Depois a tarefa, simplificar-se há pela própria força das circunstâncias.

É que a actividade revolucionária dum homem que afirma assim a liberdade da sua consciência, e sente essa liberdade também garantida pela liberdade dos outros, é maior, de mais largo e extensivo reflexo no ambiente social e permite uma mais larga colheita de benefícios que a colectividade largamente poderá usufruir...

CONTA CORRENTE

Por lapso de revisão, saíram no último balancete publicado algumas erratas que corrigimos: Póvoa de Varzim, E. Correia, 4\$20; Porto, A. de Moraes, 2\$60. Deficit para Agosto: 37\$18,5.

OS RICOS

Os ricos não recusam somente o alimento aos pobres — recusam-lhes igualmente os conhecimentos, o desenvolvimento da sua inteligência, numa palavra, a sua própria salvação.

RUSKIN.

VERBALISMO ESTÉRIL...

Há quem sustente, afirmando-o altisonantemente, que nós, os inimigos da ditadura proletária, temos uma concepção hirta dos fenómenos sociais, vendo mal e analisando pior os mil incidentes da vida cotidiana.

Esses que assim falam — será preciso dizê-lo? — são criaturas cheias de senso práctico, com uma visão superior dos homens e das coisas, e portanto inteiramente conhecedores de que os sistemas rígidos são utopias, « não resistindo ao desencadear tempestuoso dos factos nem ao imprevisível dos acontecimentos... »

O verbalismo estéril dos anarquistas — o nosso verbalismo... — é totalmente incompatível com o positivismo olímpico d'esses sociólogos, e, embora de má-vontade, temos de concordar em que todos os nossos conhecimentos da questão-social não passam, feitas as contas, de proposições lunáticas, em irredutível antagonismo com a sciência vastíssima dos neo-reformadores da Sociedade...

Andou o pobre do Faure a prégear anarquismo meio-século, causou-se o grande Kropotkine a propagandar o ideal da luz, arrastou-se Malatesta de país em país na sacrosanta defesa dos oprimidos, geraram nos ergástulos burgueses milhares de mártires alentados na chama ardente da Anarquia — e tudo isso, afinal, redundou num verbalismo estéril, despido de senso práctico e nũ de visão rialista, sem um objectivo definido, sem um alvo claramente indicado.

Faltava-nos o Bolxevismo, « hoje transformado de partido político numa tendência social » o bolxevismo salvador, fase nova da civilização, e esse chegou-nos agora da Rússia, revestido de caracteres novíssimos, apto completamente a realizar a transformação da sociedade...

É possível que valha muito como teoria e sobretudo como realização a nova (?) corrente política, mas, se o camarada Manuel Ribeiro nos desse licença, perguntar-lhe-íamos se haverá alguma coisa de mais rígido, de mais hirta e de mais doutrinarismo figé do que o marxismo dos leninistas com a sua obsessão patológica de subordinar o Individuo ao Estado, regulamentando todos os seus actos, pautando todos os seus movimentos, dando-lhe até — cúmulo de doutrinarismo figé! — uma moral derivada dos interesses sociais, muitas vezes, se não sempre, em luta aberta com os interesses do Individuo?

A rigidez do anarquismo é uma pura *blague* para quem for medianamente lido nos nossos volumes, para quem conhecer, embora pela rama, a nossa ética. Que haverá de mais flexível, de mais perfeitamente adaptável às variações psíquicas e intellectivas do Eu, que o anarquismo, sistema filosófico deduzido à posteriori dos complexísimos factos da vida social, inígnito irredutível, por isso mesmo, de todos os gregarismos, « adversário resolute de todo o dogmatismo ou menismo socialista?... » O anarquismo, franca, abertamente libertário, fala pelo comunismo à alma das multidões, que o compreendem intuitivamente, e o que estas acham rígido, ferozmente rígido e imutável, é o marxismo dos socialistas de Estado, a doutrina política de Marx — o homem que foi a causa remota do fracasso da Primeira Internacional, dessa gloriosa e rebelde Internacional que o seu autoritarismo impenitente logrou esfacelar mas não submeter. Disse-o Victor Dave.

O nosso verbalismo estéril — muito obrigado! — é o verbalismo dos Cloats e dos Babeuf, dos Malatesta e dos Baccúne, dos Hébertistas e dos homens das Secções... É estéril porque se opõe a todos os planos dos ambiciosos da politica; porque deita por terra as capelinhas dos mystificadores do povo, porque se não ajoelha ante a efígie de Lênine e tem a franqueza de dizer, que a revolução social só será completa pelo aniquilamento total de todos os Estados e de todos os Governos. É estéril porque vê na Burguesia um efeito do Estado e não uma causa, preferindo, ao contrário do Bolxevismo, exterminar este a perseguir aquela. É por isso, apenas por isso, que é estéril o nosso verbalismo...

Fecundo — pelo menos em asneiras! — é o Bolxevismo, que, « abstraindo d'esse verbalismo estéril, vence, triunfa, avança. » Ai está, para atestá-lo, o Exército Vermelho, onde os trabalhadores russos se alistam impellidos pela febre da acção, pela necessidade de agir que impulsiona mais que todas as aquisições teóricas... (1)

Dizem assim os Bolxevistas, ou antes, escreveu assim o camarada Manuel Ribeiro, no último número da *Bandeira Vermelha*. O que é para lamentar, verdadeiramente para lamentar, é que o mesmo camarada não se lembrasse do artigo que sobre o Exército Vermelho escreveu há coisa de um ano em *A Batalha* — e que era a tradução mais ou menos livre dum outro que anteriormente havíamos lido em *l'illustration*, de Paris, assinado Robert Vaucher... Se a divina Providência houvesse permitido que se lembrasse, o primeiro a rir-se da « febre de acção e da necessidade de agir » que levou o proletariado russo a alistar-se nas fileiras da Tropa Vermelha, seria o próprio Manuel Ribeiro. ¿Pois não é verdade que o serviço militar na Rússia é obrigatório?!

* * *

Temos muita pena, mas, já agora, continuaremos a verbalizar estérilmente, embora em riscos de cair na Lua, distanciados como andamos do bom-senso bolxevista... E como para nós a questão social foi desde sempre alguma coisa mais que uma questão de brã — verdade que Manuel Ribeiro ainda não

Em prol de A COMUNA

Do nosso presado camarada de Amarante, Amilcar da Silva, recebemos a quantia de 3\$50 para a subscrição pró COMUNA.

Também o mesmo camarada nos enviou 4\$50 para os presos por queatões sociais e 3\$50 para auxilio ao camarada N. V. Agradecemos.

Um grande exemplo

Noticias chegadas há pouco, dizem-nos que o proletariado da Gran-Bretanha — marítimos e ferroviários — se recusam a embarcar e a desembarcar material de guerra destinado à Polónia contra a Rússia, ou para reprimir a revolta dos Irlandeses.

Este exemplo — se disso já não estivéssemos convencidos — levar-nos-ia à plena convicção de que, no dia em que os povos resolverem sair do seu egoismo e da sua indiferença, — egoismo e indiferença de que eles são as únicas vítimas — para seguir o mesmo caminho que seguiram agora os seus camaradas britânicos, a paz reinará sobre a terra, e, com ela, não-de acabar tôdas as misérias e todos os sofrimentos da humanidade.

FOLHEANDO A IMPRENSA COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

De *O Emancipador*, de Lourenço Marques:

A COMUNA — Recebemos os três primeiros números d'este novo semanário libertário que se publica no Porto, em substituição de *A Aurora*.

Não perfilhando as dissensões que entre socialistas e anarquistas tem havido e que julgamos mais nocivas do que úteis à propaganda, fazemos sinceros e ardentes votos pelas prosperidades de A COMUNA.

Agradecemos.

AS REFORMAS DO CLERO

Dum jornal espanhol:

« Afirma-se que vai ser nomeada uma comissão de seis membros — três pelo Vaticano e três pelo Governo, para tratar da reforma do clero, devolução dos conventos, etc. »

Naturalmente esta comissão pensará em restabelecer os dízimos e premissias? E vamos a ver se os descendentes dos senhores feudais intentam, após isso, ressuscitar o infamíssimo direito de pernada!...

Os grandes! Os poderosos! Como eles imaginam que lhes correm os tempos à feição! Arregala os olhos, ó povo!

tinha apreendido, a acreditar-se o que escreveu (2) — cá ficamos prontos a pôr de parte o nosso verbo infecundo e a correr às armas sempre que uma tirania, seja ela branca ou vermelha, ameace perpetuar ou agravar a nossa situação de escravos.

Então, e só então, desceremos da Lua...

AVISO

Avisam-se os camaradas de Lisboa e arredores, que desejem enviar para A COMUNA quaisquer quantias, como seja pagamento de assinaturas, venda de jornais ou subscrição voluntária, para o fazerem por intermédio da administração de *A Batalha*.

Fica também a cargo de *A Batalha* a liquidação da venda de jornais nos quiosques, tabacarias, grupos e agentes de Lisboa.

Igualmente se avisa os camaradas do Porto e arredores, de que na administração de A COMUNA, se recebem quaisquer quantias destinadas a *A Batalha*.

A ADMINISTRAÇÃO.

A força dos que trabalham

A reacção clerical holandesa pretendeu brincar com a classe operária. Como tem muitos deputados no parlamento, resolveu apresentar nesta « casa pública » um projecto de lei, « destinado a livrar o país da infecção comunista e a isolar o movimento operário holandês do resto da Internacional proletária. »

Na dita lei havia as mais rancorosas penalidades contra quem prestasse solidariedade a organizações estrangeiras em greve, e sobretudo em greve de carácter político; também inseria um artigo que condenava severamente as organizações do país que, em caso de greve, recebessem quaisquer donativos ou incentivos das organizações internacionais.

A manobra reacçãoária, como está bem de ver, visava a estrangular o direito de greve, a cortar os nervos do movimento proletário, isolando-o do resto do mundo.

Mas o proletariado holandês não dormia. Assim que viu a coisa mal parada, deu o grito de alarme. E, num dia determinado, as massas operárias abandonando as fábricas e as oficinas, saíram para a rua, em ruído protesto contra o liberticida projecto de lei: Em todo o país realizaram-se centenas e centenas de comícios, sendo aprovada uma moção em que se concedia ao governo um prazo de 24 horas para atirar o reacçãoário projecto de lei para o cesto dos papeis inúteis.

E o governo fez imediatamente a vontade aos trabalhadores. Os reacçãoários perderam a partida... e enguliram a sua lei!

Quando os trabalhadores querem, não há forças que os demovam do seu intento. Isto é uma verdade que não necessita de demonstração especial...

Na sua actual organização, o Estado civilizado é uma máquina que trabalha com enorme desperdício de forças importantes.

MAX NORDAU.

IRREVERENTE.

(1) Porque somos bolxevistas, *Bandeira Vermelha*, n.º 41.

A ARTE NO TEATRO DO "MERCADOR DE VENEZA,, A "BOMBA REAL,,

(CARTA A ETELVINA SERRA)

MINHA SENHORA:

Esteve há meses no Porto, deslumbrando-nos com a magia sugestiva da arte mais intensa, a Companhia Dramatica do Teatro da Trindade. Entre os artistas, conjunto admiravel onde só os destemperos da figuracao davam a nota discordante, com grande desespero do director Augusto Pina, estavam os consagrados Ferreira da Silva, Carlos Santos, Antonio Pinheiro, Angela Pinto, Emilia de Oliveira — e V.^a Ex.^a

Fez-se então teatro, bom teatro sem duvida, e se no conjunto do repertorio prevaleceu a comedia-dramatica de sabor requintadamente efeminado, não faltou tambem, a revigorizar e a intensificar o quadro, a emocionante tragedia moderna, sem duvida mais sobria e menos espetaculosa que as suas similares da antiguidade classica, mas, por isso mesmo, empolgante e comovedora no mais alto grau.

Não são de esquecer noites como aquelas em que me foi dado ver Angela Pinto correndo toda a gama da dor n'A Embuscada, Ferreira da Silva dando-nos a visao aterradora do louco de Strindberg, Carlos Santos atingindo a naturalidade completa na complexissima psicologia das personagens de Bataille e Kistemackers, V.^a Ex.^a fazendo reviver para uma plateia avida as luarentes vigílias das noites lendarias de Venezia... Essa maxima naturalidade no desempenho d'um papel, tantas vezes de difficil interpretação, constituindo o que Augusto de Castro chamou a propriedade scenica, entusiasma-nos e aquece-nos, levantando-nos o espirito e fazendo-o voar para longe dos esterquilinos da revista onde hoje paira, terrivelmente desfigurada, a literatura e a poesia nacional...

De todas essas noites de enlevo e de extasis conservo em mente a grata e saudosa lembranca, mas recordo sobretudo como uma formidavel impressao estetica a primeira do «Mercador de Venezia», na adaptacao de André Brun, posta em cena, com todos os pormenores aconselhados pelas innovacoes de Gémier, pelo artista superior que é Augusto Pina.

Em todo o desempenho, de uma harmonia impressionante, há duas criaçoes que de momento nos dominam, absorvendonos toda a atençao — a do judeu Shyloc, a que o génio omnimodo de Ferreira da Silva deu uma extranha sensaçao de vida, e a de V.^a Ex.^a, que é simplesmente adoravel nessa adoravel e encantadora princezinha Porcia, um biscuit a declamar os bronzeos dizeres do grande poeta Inglês, alma seduzida pela luz do ideal, d'ele vivendo e para ele vivendo...

Desde que a vi, e sobretudo depois que a ouvi, o seu nome, minha senhora, tornou-se-me querido e respeitado — querido porque é de bem-querer (vai nisso a alma obscura do Povo, a minha alma) o nome de todos quantos sacrificam a vida na ara asperissima das ideias, respeitado porque se impõem pela nobresa do gesto todos os que fazem da arte um sacerdotio e não um commercio. Foi por isso...

Foi por isso, minha senhora, que ao ler nos cartazes afixados pelas paredes sujas desta suja cidade os anuncios da Bomba Rial, duvidei que fosse V.^a Ex.^a a pessoa nêles tam insistentemente reclamada, perguntando a mim mesmo se a interprete superior do teatro shakespeareano, a graciosa e divertida bas-bleu do «Morgado de Fafe em Lisboa», poderia descer até ao ponto de cantar e bailar chulamente no tablado dum teatro onde os patriotas procuram salvar a patria em perigo enaltecendo as romarias tradicionais, o vinho verde, as barracas de lona, as canecas de barro — e não sei se tambem «o alguidar vidrado de luzidios tremoços» em que falava o ceguiño Castilho, a criança de mais talento que teve a literatura da nossa terra...

Duvidei, dizia; mas, um pouco mais feliz que S. Tomé, pude ver, e, vendo, acreditei. A princesa Porcia do poema de Shakespeare — lamentáveis contingencias desta vida! — era agora a Romaria Portuguesa, a Décima Industrial — a Fita Italiana...

Eu não sei, minha senhora, o que V.^a Ex.^a pensará dessas mutaçoes, o que a sua consciencia, certamente iluminada pelos clarões rubros de uma intelligencia poderosa, lhe dirá a si-mesma nessas horas solitarias e fecundas em que o espirito, libertado dos preconceitos estúpidos e das tôlas convencoes do mundo, se ergue nos espaços, a indagar e a procurar a verdade. O que eu lhe digo, o que lhe dizem todos os seres honestos e dignos que vêem na vida alguma coisa mais que um pretexto para gargalhar, a imitacao de Pierrot — mas dum Pierrot zenonico, nu de sentimento... — o que eu lhe digo, o que nós lhe dizemos, rude, talvez mesmo brutalmente, é que V.^a Ex.^a procedeu mal, profunda, imensamente mal. Nem a Fita Italiana, descolorida versao das sete novelas do gaulês Eugenio Sue, nem essa, onde aliás o seu formosissimo talento se expande em riquissimas factas, consegue furtar-me a desoladora impressao da Décima Industrial, à tirada insulsa e imbecil da Romaria Portuguesa, alambicados periodos de uma ideologia mediocre, baixa, quasi vil, em que apenas se destaca, para mais cruelmente nos açoiar a antitese, o seu gesto divino e a sua voz melodiosa...

Vou-lhe dizer, minha senhora, os motivos desta repugnancia em mim tam justa e tam natural, e, para o fazer, nenhuma tribuna encontraria melhor do que a deste periódico, fôlha em que livremente se aprecia e discute a Arte, fóra dos tórvos corrilhos burgueses, no ar lavado e no horizonte largo dos grandes ideais. Porque nós aqui não turbulamos nem os magnates da politica nem os magnates do comercio nem os magnates do Pensamento Oficial. Somos inteiramente livres na nossa opiniao, a ninguém, absolutamente a ninguem, submetemos o nosso criterio...

A revista poderia ter sido um factor de educacao se, aproveitando a conhecida maxima de Juvenal — ridendo... — se prestasse a corrigir os defeitos e as imperfeicoes sociais. Mas neste campo não caçam os revisteiros, que, obcecados na miragem do venha-a-nós, no torpe e deprimente anseio da ganhuca, estragam mais e mais o já degenerado sentimento estetico do povo enchendo-lhe os ouvidos com as lamurias dessorantes do fado e com a pornografia insulsa das charges réles. A par disto, e como a nimbar de luz o que é apenas treva, vem a insistente apologia da terra portuguesa, da patria querida — apologia, deixe-me que o diga de passagem, muito bem cel-

Nem um canhão, nem um só homem para a Polónia!

UM APELO DE MOSCOU AO PROLETARIADO MUNDIAL

Um rádio de Moscú, de 23 de Julho, pede aos proletários de todos os países que impeçam por todos os meios o envio de tropas e munições à Polónia.

Eis as principais passagens: Vigiai todos os comboios que partem para o Oriente. o mais rigorosamente possível e procedei como as circunstâncias o exigem. Nem um vagon, nem um barco para a Polónia.

Proletários de todos os países, lembrai-vos agora da Polónia branca; o dever da hora presente é o de esmagar este inimigo!

Proletários de todos os países, não vos deixeis enbalar por traçoeiros discursos. Se hoje a Rússia socialista concedesse uma tregua às guardas brancas polacas, se lhes deixasse reorganizar o seu exército derrotado e adquirir armas nos depósitos da Entente, seria obrigada a arrancar novamente, ao seu trabalho pacífico, centenas de milhares dos seus filhos para os lançar na front em nova guerra defensiva.

Operários! Se a canalha capitalista do mundo inteiro grita que a independência da Polónia está ameaçada, afim de preparar uma nova campanha contra a Rússia, saabei que uma das colunas do seu regimen de reacção e de exploração se desmorona. Receiam que se a Polónia contra-revolucionária cae sob os golpes do exército vermelho, se os operários polacos se apoderam do poder, então os operários alemães, austriacos, franceses e italianos libertam-se também dos seus exploradores. Deixemos a canalha capitalista ganhar em face do pseudo-perigo que ameaça a independência polaca.

O objectivo dos proletários de todos os países, consiste, pois, em opôr-se com todas as suas forças, aos governos da Inglaterra, de França, da Itália e da América, impedindo-os de sustentar e apoiar, seja no que for, os brancos polacos.

Proletários dos países da Entente!
O nosso dever é estar de sentinela em todos os pontos, em todas as fronteiras e velar por que nenhum comboio, nenhum barco de viveres ou de munições seja enviado à Polónia!

A derrota dos brancos polacos suscita o maior entusiasmo na Polónia. Os operários polacos vão dar o golpe de misericórdia aos seus inimigos de classe e unir-se com os operários russos afim de lutar em comum pela sua emancipação.

Eis o meio de libertar a Polónia da cadeia que a prendem aos capitalistas de Londres e Paris...

Provai aos governos que não permitis nenhum auxilio à Polónia contra-revolucionária, nenhuma intervenção nos negócios da Rússia socialista. Paralisaí toda a circulação. Vêdes que a classe capitalista de todos os países prepara um novo ataque contra a Rússia dos soviets.

Provai que a solidariedade do Proletariado é uma realidade e não uma palavra vã.

cada ali, entre borrachões que buscam divertir-se e novos-ricos engorgitados à procura de vomitorios...

O que é lamentavel é que todos, até os mais sans mental e moralmente falando, se deixem invadir pelo vento de loucura que tudo arrasta alucinadamente para o abismo. O Reino da Estampilha deu 100 representações, dará duzentas, disse estou certo, a Bomba Rial — mas os bons-autores continuam ignorados do «grande público» que não lê as suas produções nem assiste à representação das suas peças. Quem fala aí em João da Câmara, no Marcelino de Mesquita, em Gervasio Lobato ou Julio Dantas, isto para já não citar os estrangeiros, os Hauptman e os Strindberg, os Sudermann e os Ibsen, os Bernstein e os Kistemackers?... Que eu saiba ninguém — ou muito poucos; e sim, em compensação, — e que excelente compensação! — monsieur tout le monde trata tũ-cã-tũ-lã o sr. Carvalho Barbosa e o sr. Arnaldo Leite, mais o sr. Felix Bermudes, mais o sr. Sousa Rocha, e — j'en passe... e dos melhores! São estes os grandes homens do tempo — marcam já, em olimpicas poses, para o futuro.

¿A quem a culpa? ¿Ao povo? Ao povo não, que ele não é culpado de nascer e viver num país em que a escola é uma hipótese provavel de Laplace, e as poucas que abrem, quando abrem, é para cantar a Maria da Fonte e o Escólas Samiaí... Então ¿a quem? Aos empresarios, possivelmente, e um pouco também aos artistas, mórmente aos artistas do valôr de V.^a Ex.^a, que não encontram na superioridade da sua arte a coragem bastante e a bastante dignidade para lhes gritar sempre que uma imposição menos honesta se faça sentir — não e não.

Nestas palavras simples e desataviadas não veja V.^a Ex.^a mais do que a magoada dor de alguém que ainda vive na doce ilusão de que Pangloss não era de todo um doido. Apenas isso. E creia sempre na sinceridade da admiracao, a mais respeitosa mas tambem a mais franca, que lhe consagra

LUCIANO DO RIO.

P. S. — Releve-me a inconveniência dum post-scriptum. Não lhe falei de Teodoro Santos, seu camarada da Companhia do Trindade, e hoje consigo na Bomba Rial. Conheço-o, ao sr. Teodoro Santos: vi-o n'A Embuscada, e num papel — hélas! — bem diferente do da Vida de cão. Está agora na revista... Felizmente — para ele, para o teatro e para a elevação moral das multidões — ainda o não vimos a esperar num fado. ¿Questão de tempo? Esperemos que não.

Outra vez — perdoe-me, sim?

O ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO

Sim, é indispensável desenvolver o espirito revolucionário, crear na multidão a necessidade de destruir tôdas as forças de opressão e de tirania, mas este objectivo, que é fundamental, só o conseguiremos fazendo apêlo a tôdas as forças e a tôdas as vontades que longe de nós em vão procuram uma sociedade melhor.

A tarefa é gigantesca, herculea, própria, sem duvida, para almas devotadas sinceramente ao ideal, no único desejo de uma completa libertação moral e económica do Individuo, hoje brutal, ferozmente esmagado pela tortuosa máquina do Estado — avatar último da sua escravidão material e psíquica.

Mas o espirito revolucionário que nos cumpre desenvolver deve estar fortemente impregnado de anarquismo, e o objectivo immediato a atingir consiste em superar, em libertar dentre o rebanho gangrenado e corrompido os seres susceptiveis de superação e de libertação.

Compomos primeiramente toda a solidariedade mental ou ideologica com as feras que já sonham banquetes antropofagos em que a carne dos capitalistas representará o prato de resistência, e convençamo-nos de uma vez para sempre que a qualidade de operário não é condição bastante para fazer de quem a possui um deus incorruptível e venerando, superior, muito superior, às blasfemias dos heresiarcas...

Tenhamos presente em toda a sua nitidez e em toda a sua profunda verdade as palavras veementes de Proudhon. Não fomos proletários mas burgueses os homens que primeiro pensaram e trataram da questão social tendo a sofrer as risadas alvares dos mercieiros coevos, muito descrentes da efficácia, entre os trabalhadores, dos desesperados apêlos dos intelectuais. «Eram sábios, filósofos, homens de letras, economistas, engenheiros, militares, antigos magistrados, deputados, negociantes, chefes de industria, proprietários os que, todos à porfia, apontaram as anormalidades da nova sociedade, chegando insensivelmente a propor as mais ousadas reformas» (1). Eram burgueses Fourier e Sismondí, Considérant e Cabet, Louis-Blanc e Bandet-Dulury. Eram aristocratas, e da mais pura água, Saint-Simon, Cafiero, Baccinine, Constant Méron... E no próprio seio da Grande Internacional a acção desinteressada e energética dos trabalhadores como Varlin e Skquitzel foi poderosamente auxiliada pelo esforço intelligente de burgueses e aristocratas como Malatesta, Krapotkine, Guillaume...

E' uma accusação injusta essa que nos fazem certos mentores da Burguesia, entre eles o rancoroso autor do volume Entre duas servidões, J. Bourdureau, afirmando que a nossa pena só se ergue em defeza dos miseráveis e dos famintos, ficando imóvel e indiferente ante as angustiosas torturas das dôres en robe de soie. Nós, os anarquistas, temos o vivo desejo de trabalhar pela emancipação de toda a humanidade, vítima dolorosa de todos os arrivistas e de todos os ambiciosos, e fazemo-lo dirigindo-nos a todos os homens, bastando, para que os aceitemos como irmãos e camaradas, que eles ponham de parte tôdas as ideias de exploração sobre os seus semelhantes.

O anarquismo é alguma coisa de mais vasto e de mais profundo que um partido politico, rigidamente confinado em dogmas, e o seu espirito essencialmente libertário é o mais próprio a desenvolver nos homens o sentimento da própria individualidade, levando-os a agir e a atuar pelas próprias mãos, nunca delegando em terceiros a gestão dos interesses privados.

Estamos com Tiago Sadoul quando este homem integro e respeitável apela para o sentimento revolucionário das multidões europeias, e ainda o acompanhamos quando afirma que trinta anos de socialismo parlamentar e intervencionista dessoaram, prevendo-o, o espirito de rebeldia dos militantes; mas, no que estamos em completo desacôrdo, é na solução entrevista por Sadoul, que nos parece, friamente analisada, mais própria para extinguir de todo o espirito revolucionário do que para o reacender.

O regime dos Sovietes aclamado pelo autor das Notes sur la Révolution Bolchevique, contribuindo para despertar na multidão a tendência messiânica essencial à alma gregária que constitue o seu substratum, reacende-lhe a crença no poder libertador do Estado e na efficácia da Lei, forçando-a a um servilismo rastejante e desolador, com a agravante temerosa de aureolar os chefes, tornados sagrados porque asseguram o pão de todos. Haja em vista o feticismo dos povos ante as figuras, indubitavelmente gloriosas, de Lénine e de Trotsky, vergonhosa e deprimente idolatria que os próprios alvejados — prestamos-lhes essa justiça — serão os primeiros a lamentar.

No fundo desta reverenciação de homens está — sabemos-lo — um grande desejo de imitá-los, a aspiração impudica de conseguir, quando não um lugar de commissário, nm modesto logarsinho de regedor vermelho. E' sempre a velha questão da autoridade e da liberdade a que sobrenada e a que domina, mas, neste caso, é curioso acentuar que são os marxistas, «únicos e sinceros amigos do proletariado» aquêles mesmo que mais capricham em lhe pôr uma albarda, recusando-lhe a possibilidade de viver em anarquia. Como se isto de ser anarquista exigisse um curso especial na Faculdade de Letras...

Vendo o perigo que para a Revolução representa a multidão ainda vergada ao peso dos dogmas religiosos, politicos e sociais é que nós fazemos a nossa propaganda, e porque reconhecemos os males da estagnação parlamentar, eminentemente centralizadora, contra esta nós rebelamos sempre, e bastante energeticamente o temos feito. E' pelas mesmas razões que desde sempre, e ao presente com mais vigor do que nunca, tentamos desenvolver nas massas o espirito da Revolução, mas temo-lo feito e continuo-lo-emos fazendo dum modo muito diferente daquele porque o fazemos marxistas — e que é o mesmo aconselhado por Sadoul. E se procedemos assim é porque temos a convicção íntima, radicada pelas lições da história e pela experiencia da filosofia — damo-nos a esse desporto, e fez em quando... — que o metodo aconselhado pelo capitão Sadoul, e tam ardentemente seguido pelos seus discipulos, levará, não à Revolução Social, corolario lógico de uma serie de evoluções individuais, mas a uma completa abulia da vontade de cada um dos membros da sociedade, a uma entronisação de bonzos e de zoilos de que as amostras que por aí pululam nos fazem fugir com horror...

L. F.

(1) De la capacité politique des classes ouvrières.

ARTE & ARTISTAS

ACUSÃO Á CRUZ

Há muito, o lenho triste e consagrado!
Arvore da paixão velho madeiro!

Se o lenho foi nos teus braços cravejado
Folha verde a Hostia, o Veriladeiro,

Há muito que espalhas a tristosa,
Que lutas contra a alegre Natureza,

Chega-te o inverno, simbolo tremendo!
Queremos Vida e Açoão—Fica-te sendo

GOMES LEAL.

O João...

O João era destes filhos que os pais, viciosos e desleixados, abandonam pequenos, a uma vadiagem perigosa.

— Parece impossível que a policia consinta este desaforo, numa cidade civilizada! — E ele envenenava o seu animo numa aflicção profunda, expressa em

António Manaças

À hora de concluirmos o nosso jornal, traz-nos «A Batalha» uma notícia dolorosa: Morreu António Manaças!

A morte do camarada inteligente e dedicado, confrange-nos profundamente.

Não sentimos somente a perda dum irmão em ideal, mas também a do lutador audaz e libertário convicto e coerente que tam bem soube pautar a sua linha de conduta e desempenhar a sua missão social, dentro da mais absoluta coerência.

No momento que passa, quando uma onda apavorante, de valdade, de egoismo e ambição, perpassa entre nós arrastando uns e aniquilando outros, a perda dum homem da tempera de António Manaças, é uma brecha profunda aberta nas fileiras dos que defendem intransigentemente os principios libertários.

Se não tivermos a opinião de que morrer, com um uniforme vestido, as mãos dum assassino igno... te vestido e obedecendo a voz do comando, é mais consolador do que ser prostrado por um guerreiro pintalgado de vermelho e enfeitado de plumas, que ferir com um machado de pedra, sem se importar com regras o teorias de táctica, devemos confessar que, em caso de guerra, o homem civilizado não gosa de nenhuma vantagem sobre o selvagem.—MAX NORDAU.

EM DEFESA DO ANARQUISMO

VII

Apesar de tudo o que temos dito, os adversários da Anarquia não deixarão de nos importunar com as clássicas perguntas de algibeira. E' tam grande o número de preconceitos e convencionalismos que nos rodeia; podem tanto os hábitos de obediência transmitidos de pais a filhos durante séculos e séculos; é tam arcaico e rotinário o ensino das escolas, que até as inteligências mais vivas, não-de duvidar das verdades que lhes apresentamos, fechando obstinadamente os olhos á evidencia.

Mas, vejamos: a existência dum govêrno, com todo o seu conjunto de instituições, já pôs algum dique ás manifestações da tal perversidade humana? Apesar de todos os govêrnos, ou melhor — não é á sombra dos próprios govêrnos que, mais de metade dos homens, vive numa completa ociosidade? Para que servem as cadeias e os patibulos se, todos os dias, a violência, as paixões e o crime comovem a consciência pública?

Ao contrário dos teóricos do livre-arbitrio, e até dos teóricos do materialismo, nós entendemos que a organização humana não é, em si mesma, nem perversa nem bondosa. E' simplesmente uma máquina disposta a funcionar, segundo a direcção que se lhe der. Os individuos não nascem criminosos, como não nascem génios, cheios de virtude.

A perversão e a bondade não residem, portanto, no organismo humano, mas sim nas coisas, nas instituições, na influencia dos costumes, das ideias correntes, etc. Dá a qualquer homem a faculdade de mandar e vereis que, só por uma excepção á regra, ele não se transformará num tirano.

A ociosidade, por exemplo, é um produto do militarismo, da religião e da empregomania. Homens acostumados ao trabalho, são obrigados a ir para o quartel educar-se na mardriisse. O seminarista, segue um caminho idêntico.

A ociosidade não pode, pois, constituir um argumento empregado contra o anarquismo, visto que ela é o fruto do regime capitalista. Numa sociedade bem organizada todos os individuos não-de trabalhar — porque o organismo humano, como todo o organismo, possui funções correlativas, necessidade de exercicio, e o exercicio — o trabalho — impôr-se há, sob pena dum atrofia geral.

E' sempre o meio social que forma os individuos. A maior parte dos delitos, dos crimes, é o fruto da violência organizada e do privilégio estabelecido. A paz armada justifica plenamente o facto da grande maioria dos homens trazer, nos bolsos, uma navalha, um revólver, uma pistola, ou um cavallo marinho, amarrado á cinta.

A luta pela existência resume-se em os individuos sabermos apropriar-se das riquezas que possuem os outros, em saber roubar com toda a pericia. A propriedade privada engendra o roubo; mais, a propriedade é o roubo, como o afirmou Proudhon. Numa sociedade socialista e anarquista não haverá ladrões, como não haverá vadios, como não haverá assassinos nem homicidas.

Merecera a pena falar das relações sexuais? Temos um profundo desprezo pelos moralistas do formalismo. Para eles, a ordem, os bons costumes, a moral, é isto — uma fórmula. Que desgraçados!

Falar da futura prostituição, quando a prostituição vive na fábrica, fomentada pela miséria da mulher, pela infâmia e pela concupiscência do patrão ou do encarregado; quando a prostituição vive no seio dos matrimónios aristocráticos, onde cada individuo puxa para seu lado e passeia publicamente de braço dado com a amante; quando a prostituição se desenvolve no supremo interesse da burguesia endinheirada; quando a prostituição é a válvula da abstinência sacerdotal e do sádico celi-

COMPRA A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil — Calçada do Combro, 38

Tabacaria Barbosa — Rua do Carmo, 67.

Rosa & C.ta — Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo — Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran — Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Ideal — Rua dos Correios, 211.

Tabacaria Pires — Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes — Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva — Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga — Rua do Rato.

A Moldura do Castelo — Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto — Rua da Bica do Sapato, 16.

Quiosque de Alcântara — Júlio Joaquim Pimenta.

Sindicato Unico Mobiliário, contínuo — T. da Agua da Flor, 16-1.

Mercado Literário — José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Tabacaria Pereira — Rua do Livramento, 56.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma — Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves — Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

MAX NORDAU.

O nascimento aristocrático de nenhum modo é penhor de boa educação moral, e toda a gente conhece exemplos de príncipes que, tendo vivido em meios muito morais, saíram mentirosos, covardes, debochados, até mesmo gatunos vulgares, ou avaros, nobres larápios, se aceitamos que é mais nobre roubar-se uma porção de brilhantes do que roubar lençóis de algodão.

MAX NORDAU.

AOS ORGANISMOS OPERARIOS

Sendo do máximo empenho do grupo editor de A COMUNA dar a maior expansão á publicidade do movimento sindical — julgando assim prestar um grande serviço ao desenvolvimeto da organização proletária, serviço este que será o mais largo possível logo que este jornal atinja o seu objectivo, como seja a sua publicação diária — solicita a todas as corporações operárias para que enviem as suas informações para esta redacção até terça-feira, de cada semana, a fim de serem publicadas na COMUNA.

A ESMOLA

Devo afirmar que a esmola, como sistema, é vergonhosa e repugnante. Para o que a recebe, porque o humilha; para o que a dá, por ser passivamente cidadão de um país onde existe gente obrigada a pedi-la.

RAFAEL COLLEJA.

As causas de elevação de muitas famílias são tam vis, que não se podem, sequer, repetir diante de pessoas decentes. Muitas famílias devem as honras que gosam, á desonra dos seus antepassados do sexo feminino e o seu orgulhoso braço mostra, dum modo bem patente, que nos seus ascendentes houve pais o maridos descendentes e donzelas sem pudôr. Por outros termos: a carta de nobilitação representa a recompensa dum volhacaria ou dum crime, com que o antepassado, fundador da casa, provou dedicação a qualquer rei ou príncipe.

MAX NORDAU.

FALA UM LORD

Francamente confesso que não sou um diplomata nem um politico ou estadista. Agradeço, por isso, ao meu deus, não ser uma coisa nem outra: os primeiros são senis; os últimos, são mentirosos.

LORD FISHER.

Lêde e propagai A COMUNA ... Semanário Comunista ...

batário; quando a prostituição é o antidoto dum sociedade de masturbados; quando a prostituição alimenta a policia e os empregados «sanitários» e contribui, com uma quantia fixada para determinados fins; falar, diziamos, da futura prostituição ante esta universal prostituição contemporânea, é o maior dos cinismos de que só é capaz essa cáfila de iníquos moralistas ou moralões.

Sim, senhores burgueses: — a união dos sexos, união que não seja baseada, como hoje, no interesse e no cálculo, mas no puro e desinteressado amor, ha-de trazer consigo a regeneração da humanidade, dessa humanidade que tendes atascado na lama, e que condenastes a uma espantosa degenerescência por meio do desenvolvimeto da terrível sífilis. Mas, apesar de corrompidos, decompostos como estais, a revolução proporcionará a vida a todos, porque o seu triunfo ha-de ser acompanhado do sangue rico, forte, do valente camponês e do robusto operário. A clorose de vossas filhas, a masturbação dos vossos filhos, a vossa própria immoralidade sexual, também ha-de ser curadas pelo ferro regenerador da próxima revolução.

As «hordas» do Norte, cuja invasão vos ameaça, estão espalhadas por toda a parte — vivem ao vosso lado, prontas a lançar-se sobre vós para aniquilar um mundo inteiro de concupiscências, latrocínios e grandes crimes, mundo esse que é vosso apanágio exclusivo. Elas renovarão o sangue empobrecido dum sociedade agonizante; curarão a anemia em que languidecemos; regenerarão, enfim, o individuo, moral e materialmente. E' a vida, o que ha-de trazer a próxima revolução, a vida bela e sorridente da completa liberdade, no meio da satisfação de todas as necessidades, de todas as nobres aspirações, de todos os generosos ideais.

A anarquia, este sonho de loucos, este intuito de « criminosos », realizará a prometida felicidade. A ideia já está difundida por todos os cantos do globo. Consciente, ou inconscientemente, já vive, até, no meio de vós próprios, propagada pelos vossos literatos, pelos vossos artistas e pelos vossos sábios.

Ao povo pouco lhe resta, pois, que fazer: apenas o impulso necessário para derrubar tudo o que o estorva de caminhar para a Luz, para a Vida, para a Felicidade...

FIM

RICARDO MELLA.

